

MATERNIDADE NA CIÊNCIA: DILEMAS FILOSÓFICOS E DA ATUALIDADE

Data de aceite: 01/03/2024

Mayara Jully Costa da Silva

A sociedade contemporânea evoluiu organizada politicamente de forma majoritária pelos homens, resguardando os interesses masculinos estruturalmente nas bases de produção e reprodução da vida social.

Essa organização, estruturalmente, machista ao longo da história destina o trabalho doméstico às mulheres. Nas famílias, os cuidados mais elementares aos filhos são geridos pelas mães e essa considerável carga de trabalho não remunerado é marcada pela invisibilidade ao mesmo tempo que os privilégios masculinos se organizam com menos obrigações sociais e mais tempo livre, que pode ser consumido através do trabalho e estudos.

A academia e os centros de produção de ciência e tecnologia, em especial as universidades, não são espaços autônomos da sociedade capitalista com regras próprias e imunes às dimensões

estruturais de nossa sociedade, como o machismo e a misoginia.

A desigualdade de gênero ainda é grande na ciência. Em uma análise bibliométrica global de gênero na ciência entre 2008 e 2012, foi observada sub-representação das mulheres na produção científica (autorias de artigos), colaborações e impacto científico dos artigos publicados. Todavia, há mais mulheres do que homens estudantes de pós-graduação em muitos países (Larivière et al., 2013). Nas duas últimas décadas ocorreu um aumento impressionante de 10% do ingresso de mulheres em cursos de doutorado no Brasil e hoje a representação das mulheres é paritária na pós-graduação em nível de doutorado (cerca de 54%). Sendo um número semelhante ao de países desenvolvidos (Caruzo et al., 2020; Negri e Prusa, 2019).

Mas existem controvérsias, embora estes índices sejam bons indicativos que a ciência tem se aberto ao ingresso das mulheres, estas têm enfrentado dificuldades para manter-se e alcançar

espaços de prestígio científico, em especial as mães cientistas. Sobre esse aspecto, a economista e pesquisadora do Centro de Pesquisa em Ciência, Tecnologia e Sociedade do Ipea, Fernanda De Negri (2020), aponta:

“Apesar de serem a maioria das pessoas com doutorado em diversas áreas, as mulheres brasileiras não estão tão bem representadas nos níveis mais altos da carreira. Um estudo recente mostrou que as mulheres representam apenas 24% dos beneficiários de um subsídio do governo brasileiro concedido aos cientistas mais produtivos do país (a bolsa produtividade). A sub-representação em posições de liderança ainda persiste: as mulheres cientistas são apenas 14% da Academia Brasileira de Ciências”.

Recentemente vêm ocorrendo iniciativas importantes, como o Projeto de Lei 1741/2022 que garante o direito à prorrogação em 120 dias dos prazos de defesa nos cursos de pós-graduação no Brasil em virtude de parto, ou nascimento de filiação, ou adoção. No entanto, mesmo sendo um avanço para que as mães possam fazer ciência ainda não foi sancionada e não é uma realidade no país.

Por trás do desequilíbrio global de gênero na ciência, existem forças locais e históricas que contribuem para as desigualdades sistêmicas que impedem o acesso e o progresso das mulheres na ciência (Larivière et al., 2013).

Esse ensaio tem como objetivo ensejar reflexões em torno da inserção das mães no campo da ciência, numa sociedade estruturalmente machista e patriarcal e que se mantém dirigida por um modelo científico que valoriza a produção e não leva em conta os aspectos particulares (e de gestão do tempo) das mães que cuidam e insistem em fazer ciência.

Esta discussão esmiúça o campo da produção científica como um espaço de disputas e tensões onde as mães são excluídas. E se alicerça, teoricamente, com as contribuições do sociólogo francês Pierre Bourdieu e o filósofo estadunidense Thomas Kuhn sobre o modelo do desenvolvimento científico e a formação da comunidade científica.

Adota-se na reflexão e na análise do tema um caráter crítico e dialético que leva em consideração a interação entre teoria e práxis e a centralidade das dificuldades enfrentadas pelas mães em produzir ciência, um direito que por vezes é interdito pela própria estrutura em que a ciência se organiza.

Dentro do estudo histórico e filosófico da ciência, por décadas, aspectos afetivos, interações “humanas” entre cientistas, fatores idiossincráticos e subjetivos foram excluídos das análises epistemológicas da ciência, sobretudo devido ao positivismo. Assim, a ciência era considerada em sua construção num processo lógico e consistente ao invés de real (Peduzzi, 2011).

Ao longo do século XX vem à tona a discussão de como os mundos científico e social se relacionam. E com isso surgem questionamentos e antinomias sobre organizações e interações entre cientistas e com o mundo externo. Nesse campo filosófico e histórico da ciência, autores como Kuhn e Bourdieu lançaram visões e critérios distintos sobre a natureza da ciência e como ela é produzida. Essas teorias têm implicações na prática científica, em como os cientistas interagem e como a sociedade enxerga a ciência (Hochman, 1994).

A ciência passou a ser vista através de uma nova ótica, sob a admissão de interferências subjetivas como parte da atividade científica, sendo antes vistas como fraquezas humanas. Assim, se torna reconhecida como uma atividade humana que influencia e está sob influências da sociedade (Raicik, 2023).

Apesar dessa mudança, a herança do positivismo ainda interfere no senso comum de ciência e sua construção. Os estudantes e mentores ainda vêm e transmitem a ciência como um processo quase estático, neutro, individualista e rígido. A ênfase dada aos resultados gerados pela prática científica sem a devida importância à gênese do conhecimento ainda é vista nos dias atuais (Pérez, et al, 2001) .

A produção da ciência sob a pedagogia de Kuhn propõe um ensino e treinamento dos membros da comunidade científica de forma autoritária e dogmática. Impõe a estabilidade dessa comunidade ao cumprimento de suas tradições e normas, onde a eficiência dos cientistas está atrelada a seguir padrões e regras na prática científica. Dentre estas o isolamento do cientista da vida cotidiana, da dinâmica social, bem como a exclusividade de seus pares na ciência (Hochman, 1994).

Essa imagem típica de cientistas como “gênios solitários” ainda está presente e vai contra a realidade pós-moderna e de seres humanos diversos que possuem vidas privadas e se relacionam em ciclos sociais com seus parentes, filhos, cônjuges e amigos. Esses critérios para a prática científica são conflituosos com a realidade e se mostram excludentes por gênero, por exemplo, quando significam dificuldades enfrentadas pelas mães cientistas de segui-las.

Onde a maternidade impacta substancialmente no declínio do avanço na carreira científica/acadêmica das mulheres, que dedicam quase o dobro do tempo às tarefas domésticas e cuidado com os filhos do que os homens, enquanto o trabalho acadêmico exige muito foco e tempo para concentração (Caruzo et al, 2020)

Desde os anos 1970, os primeiros estudos de gênero e ciências buscaram a constatação da ausência das mulheres e suas causas, para discutir e questionar as consequências científicas da sub-representação histórica e a neutralidade de gênero dos critérios que definem a ciência (Lopes, 1998; Varela, 2008).

Diversas pesquisas vêm sendo realizadas para compreender como se deu a incorporação de mulheres nas práticas científicas nos mais diversos contextos e como os significados sociais atribuídos aos gêneros foram assimilados pelas instituições científicas. (Varela, 2015)

Existe uma nítida disparidade de gênero na ciência, e a maternidade tem um papel significativo no declínio do número de mulheres em carreiras científicas avançadas. Sendo evidente que as desigualdades nas condições de amplo desenvolvimento científico levam à sobreposição de fragilidades impostas especialmente às mães cientistas (Sallee et al. 2016). A gravidez e a maternidade ainda são encaradas como desafio e estresse na carreira acadêmica de uma pesquisadora, especialmente em nível de doutorado e pós-doutorado (Ebru Eren, 2022).

À medida que as mulheres elevam nos níveis acadêmicos é mais provável que optem pela maternidade e que restrinjam o tempo dedicado à ciência que antes conseguiam fazer integralmente (Ebru Eren, 2022).

Recentemente, o grupo *Parent in Science* publicou uma pesquisa mostrando que mulheres sem filhos apresentam curva ascendente em sua produção científica, enquanto mães cientistas têm uma queda drástica nas publicações até o quarto ano após o nascimento do primeiro filho. E o aumento após o quarto ano ainda se mantém comprometido pelas dificuldades de acompanhar os avanços científicos na área, obter bolsas de agências financiadoras e permanecer nos programas de pós-graduação (Staniscuaski et al, 2020).

Desse modo, o ensino e as práticas científicas à luz de recortes filosóficos como o Kuhniana podem levar a crer que a maternidade não possibilita às mulheres fazer ciência e redes de colaboração dentro da comunidade científica. Isso evidencia dilemas e desvantagens frente aos critérios impostos.

O filósofo e sociólogo Pierre Bourdieu argumenta que a ciência é produzida dentro de um campo científico, onde os cientistas competem por recursos e prestígio científico e se estrutura no histórico de batalhas onde buscam o monopólio ou maximização da autoridade/competência científica que é reconhecida pelos pares (Hochman, 1994).

No campo científico de Bourdieu, nada cooperativo, mas sim de lutas desiguais entre os cientistas racionais, articuladores e que reproduzem o poder que existe na sociedade capitalista, as mães cientistas enfrentam as disparidades históricas de gênero. Onde regras patriarcais e atribuições injustas de trabalho doméstico e cuidados maternos as restringe de oportunidades competitivas (Caruzo et al, 2020; Hochman, 1994).

Além de mães cientistas enfrentarem condições de trabalho que não são claras, existem descontinuidades nas políticas de bolsas e altos níveis de inseguranças e tensionamentos que prejudicam o desempenho na prática científica. (Ebru Eren, 2022).

Essas características e disparidades de gênero ficaram ainda mais evidentes durante a pandemia da Covid-19, onde mães tinham que gerenciar a produção científica remota e os cuidados urgentes com os filhos pequenos, se mostrando incompatível com a conciliação. As cientistas mães experimentaram, mais do que nunca, dificuldades no trabalho remoto e em manter a sua produtividade (Myers et al. 2020).

As cientistas compartilham contradições, dubiedades e conflitos que caracterizam as práticas científicas. As mulheres que fazem ciência têm ousado de alguma forma em suas trajetórias pessoais, coletivas e cognitivas para se aventurarem a abrir novos caminhos nas ciências.

Tais dilemas históricos e filosóficos confrontam realidades no meio científico e urge a ideia de uma ciência mutável, subjetiva, controversa e dentro do seu tempo e contexto sociocultural com concepções metodológicas diversas e humanas (Peduzzi, 2011; Raicik, 2023).

Uma visão mais humana de ciência evidencia aspectos subjetivos, afetivos, sociais e relacionados à individualidade de um cientista e influência na construção do conhecimento científico. A ciência se torna humanizadora, uma vez que associa o conhecimento a indivíduos que criam vidas enquanto fazem ciência.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Projeto de Lei 1741/2022, de 22 de junho de 2022. Dispõe sobre a prorrogação dos prazos para defesa de dissertação de mestrado e tese de doutorado em virtude de parto, ou nascimento de filiação, ou obtenção de guarda judicial para fins de adoção, ou licença adoção. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 22 de jun. 2022. Disponível em: <prop_mostrarintegra (camara.leg.br)> . Acesso em: 24 fev. 2024. Texto Original.

CARUZO, Maria Beatriz Rossi et al. Maternity, science and pandemic: an urgent call for action!. *Hoehnea*, v. 47, 2020.

EREN, Ebru. Never the right time: maternity planning alongside a science career in academia. *Journal of Gender Studies*, v. 31, n. 1, p. 136-147, 2022.

STANISCUASKI, Fernanda et al. Impact of COVID-19 on academic mothers. *Science*, v. 368, p. 724.1-724, 2020.

HOCHMAN, Gilberto. A ciência entre a comunidade e o mercado: leituras de Kuhn, Bourdieu, Latour e Knorr-Cetina. *Filosofia, história e sociologia das ciências*, v. 1, p. 199-231, 1994.

LOPES, M. M. "Aventureiras" nas ciências: refletindo sobre gênero e história das ciências no Brasil. *Cadernos Pagu, Unicamp*, v. 10, p. 82-93, 1998;

PEDUZZI, Luiz OQ. *Evolução dos conceitos da física*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2011.

PÉREZ, Daniel Gil et al. Para uma imagem não deformada do trabalho científico. *Ciência & Educação (Bauru)*, v. 7, p. 125-153, 2001.

RAIČIK, Anabel Cardoso. Algumas interações pessoais de Niels Bohr com JJ Thomson e Ernest Rutherford no período de seu pós-doutorado: para uma visão mais humana da ciência. *A Física na Escola*, v. 21, 2023.

VARELA, Alex Gonçalves. Gênero e trajetória científica: as atividades da cientista Martha Vannucci no Instituto Oceanográfico da Universidade de São Paulo (1946-1969). *Revista Brasileira de História da Ciência*, v. 8, n. 1, p. 65-78, 2015.

NEGRI, F. D., Picanço, L., & Prusa, A. Women in science: still invisible. A snapshot of the status of women in Brazil, p. 18-19, 2019.